
A experiência e o pensar

ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS*

Resumo

Registro sobre os acontecimentos que se dão na sala de aula. O que se passa em termos da produção e transmissão de conhecimentos? O tema do poder está presente e pede novas abordagens e nova compreensão.

Aula por aula nenhuma parece está imersa no sentido da atualidade. A ilusão do já sei é tamanha que o desprezo ao saber é cada vez mais volumoso.

A ilusão do querer passar uma idéia de importância, transforma a sala de aula, em um palco do exercício do poder e da vaidade e o mais elementar dos discursos, torna-se indecifrável e misterioso para a sobrevivência cotidiana. O sujeito torna-se incapaz de tomar decisões, nos momentos de escolhas fundamentais. Não é o professor em si que o aluno busca descaracterizar, mas, o saber que vê nele representado, como o seu principal alvo. Desta forma, não se pode deixar de lado a sordidez que se manifesta em uma sala de aula, pois nunca as demonstrações de humildade surgem de forma natural e espontânea. Daí a pergunta: que é o colega como um ser humano?

A dúvida alonga-se de tal forma que a indecisão tomou conta. A metáfora da transparência não tem significação porque nenhum referencial concreto lhe serve de suporte. Por exemplo: de dentro de uma sala de aula, pensar o significado de uma guerra não é um exercício dos mais agradáveis e salutares.

Assim, em um mundo repleto de informações pode haver uma tendência a confundir tudo e achar que tudo é a mesma coisa. De ouvidos cheios de variados ruídos pode-se esperar pouco, ou quase nada. Parar para ouvir já quase não acontece e parece que a tendência é este tipo de situação se tornar cada vez mais difícil e atormentadora. Para o professor, principalmente.

Palavras-chave: acontecimentos; celular; sala de aula; poder; aluno; discurso; metáfora; desconhecimento; situação; atormentadora.

* Mestre em Filosofia, Professor titular da Universidade FUMEC

Abstract

Records on situations that take place in the classroom. What happens in terms of knowledge production and transmission? The issue of power is real and calls for new approaches and a new understanding.

Class by class none of them seems imbedded in the sense of reality.

The "already-know" illusion is so great that neglecting knowledge is an increasingly visible behavior.

The illusion of wanting to convey an importance sense turns the classroom into a stage for exercising power and vanity, and the most elementary speech becomes indecipherable and mysterious for the Everyday survival. The individual becomes unable to take decisions in moments of very important choices.

It is not the teacher himself that the student tries to discredit, but the knowledge he represents, as the student's main target. Thus, it cannot be left aside the sordidness present inside a classroom, for humbleness demonstrations never arise on a natural and spontaneous manner.

From this comes the question: what is the classmate as a human being? The doubts are so strong that indecision seems endless. The transparency metaphor is not meaningful because no concrete referential supports it. For instance: from inside a classroom, thinking about the meaning of a war is not a very healthy and pleasant exercise. Therefore, in a world full of information there can be a tendency not only to mix everything but also to think that everything is equal. One can have few or almost no expectations when it comes to minds full of several noises. Stop to listen is something that rarely happens and it looks this situation is becoming more and more difficult and disturbing, especially for the teacher.

Keywords: *happenings; mobile; classroom; power; student; speech; metaphor; lack of knowledge; situation; disturbing.*

Résumé

Considérant les événements qui ont lieu dans une salle de cours, on se demande ce qui peut bien se passer en termes de production et de transmission du savoir. Le sujet « pouvoir » y est présent et il demande une nouvelle approche et une nouvelle compréhension. Les cours semblent ne pas être insérés dans l'actualité. L'illusion du

« déjà su » est assez considérable et le mépris vis à vis du savoir est croissant. La transmission des idées sans aucun fondement transforme la salle de cours en une scène °Cl se joue l'exercice du pouvoir et de la vanité ; le plus élémentaire des discours devient indéchiffrable et opaque. Le sujet est alors incapable de prendre des décisions quand il s'agit des choix fondamentaux.

Ce n'est pas l'enseignant en tant que tel qui est discrédité par l'étudiant mais le savoir qu'il représente. Ainsi, il n'est pas possible de négliger cette sorte de mesquinerie manifestée dans les salles de cours et) d'ailleurs les démonstrations d'humilité ne surgissent jamais spontanément. D'où la question que Pon se pose : quelle serait la valeur d'un collègue ? Le doute se prolonge de telle sorte que l'indécision occupe tout le terrain. La métaphore de la transparence n'a pas de signification car aucun référentiel concret ne lui sert de support. Par exemple : dans une salle de cours, penser la signification d'une guerre n'est pas un exercice des plus agréables et salutaires. Ainsi, dans un monde plein d'informations, il peut y avoir une tendance à tout confondre en faisant que toutes les choses finissent par devenir équivalentes. On attend peu de chose voire rien d'une oreille pleine de toute sorte de bruits. On ne s'arrête plus pour écouter et par ailleurs il semblerait que des situations pareilles deviennent de plus en plus troublantes. Surtout pour l'enseignant.

Mots-clés: événements; téléphone portable; salle de cours; pouvoir; étudiant ;discours; métaphore; méconnaissance; situation troublante.

A ideia inicial de escrever sobre acontecimentos de sala de aula partiu mais de uma demanda desconhecida do que de uma demanda da *racionalidade*. Há muito verificam-se fatos interessantes nesse ambiente de ensino-aprendizagem, mas ainda sem a devida atenção, do ponto de vista de um registro mais apurado. Uma das grandes novidades em uma sala de aula, na atualidade, é o *telefone celular*. Sobre ele serão feitos alguns comentários, buscando não emitir juízos de valor sobre seu uso em si, mas sobre sua inserção em situações que reclamam um tipo de demanda em que o silêncio faz parte de uma modalidade de escuta que pode ser produtiva.

Daí o perguntar sobre o que se passa na sala de aula em termos da produção e transmissão de conhecimentos em um tempo em que os questionamentos são tantos e tão volumosos que a velha ordem que determinava o discurso pedagógico já não encontra nenhuma ressonância. O velho tema do poder mais que nunca está presente e pede novas abordagens e nova compreensão.

Vive-se na atualidade uma situação desnecessária, singular e, por isso mesmo, confusa e perigosa. Muitos se julgam proprietários do poder e no direito de praticá-lo quando bem entendem, e daí a enorme dificuldade experimentada por todos a cada momento. Nesse contexto, os alunos também são possuidores de poder, pois todos julgam tê-lo, e com isso a sala de aula se tornou terra de ninguém, ficando difícil conceituá-la.

Aula por aula, nenhuma parece estar imersa no sentido da atualidade. A sedução continua muito eficaz para manter a atenção do aluno. Mas, quando ele se enfada, o recurso mais utilizado é sair para telefonar. É bom distinguir entre aluno e aluna, pois é crescente a presença do sexo feminino e, conseqüentemente, a possibilidade de uso do celular. E quanto ao conhecimento em si? Não é mais tão apreciado como em outras épocas. A ilusão sobre o que já se sabe é tamanha que o desprezo ao saber como saber é cada vez maior. Com isso o traço de onipotência nas jovens personalidades é algo sem medida e de imprevisíveis proporções.

Pode-se verificar de outro ângulo o problema da onipotência, quando se considera o fenômeno do celular na cultura atual. Além de ser uma forma de afirmação, pode ser também uma maneira de reconhecimento. E até de auto-reconhecimento, em muitas situações, principalmente quando se busca uma forma de *conso-lo* em si próprio. Os tempos induzem a isto, já que o bastar a si mesmo é muito estimulado e praticado. Mais do que nunca a experiência particular do sujeito é valorizada no dia-a-dia. Sabemos e não sabemos da causa disto, quando se toma o conhecimento como eterna pergunta.

A vileza do humano é quase uma constante, e um ritmo permanente de desolação do sujeito vazio e pouco sabedor do que quer, em tempos caóticos de violência e de avareza, sempre se manifesta, sendo comumente expresso por textos de um jornalismo subalterno, imerso numa temporalidade dogmática. Basta ler uma das revistas pastelões que a mídia vulgar e sensacional faz circular, numa quase arrogante tentativa de congelar o tempo e transformá-lo em usina de banalidade.

Voltemos ao enigma do signo atual buscando compreender a magia da indústria cultural, que assim sintetizou Adorno:

A credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, o vangloriar-se com o saber, a timidez no contradizer, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais: isto e coisas semelhantes impediram um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalaram, em vez disso, a conceitos vãos e experimentos erráticos: o fruto e a posteridade de tão gloriosa união pode-se facilmente imaginar (ADORNO, 1985, p. 19).

Vejamos uma pergunta trivial para os tempos atuais: pode-se conhecer o outro pelo uso que faz do celular? É um dado que brota deste tempo e que ensina muita coisa a quem aprendeu a ver pelos traços da sensibilidade. A ilusão de querer passar uma

ideia de importância transforma a sala de aula em um palco de exercício do poder e da vaidade, e o mais elementar dos discursos torna-se indecifrável e misterioso no cotidiano. Daí o sentimento de vazio que domina o sujeito e o torna impotente e incapaz de tomar decisões quando se vê sem saídas, em momentos de escolhas fundamentais.

Esta característica pode ter o sentido de uma eternidade, mas, numa época em que há multiplicidade de informações, anula no sujeito a possibilidade do saber, e a ternura torna-se fugaz e desnecessária. Falta um mínimo de luz para se orientar na escuridão, que a todos ameaça. Ao se perguntar se existe na sala de aula o sujeito bom, pode-se estender a pergunta a todos os seres humanos? É sobre o sentido desta pergunta que repousa o construir um pensar que dê conta de compreender o fenômeno das salas de aulas.

Estamos numa época em que tudo é posto em questão e a característica mística aliou-se a um sentimento niilista, fazendo do sujeito do conhecimento um ser desprotegido, vazio e só, pois não pode mais se agarrar a nenhum tipo de certeza. De que poderá estar certo? Se tudo escapa ao sujeito, principalmente ao sujeito que busca saber, o que fazer com o que se sabe? Até onde o saber pode levar o sujeito do conhecimento? Vejamos novamente o autor que sustentou no início as ideias que lançaram as primeiras indagações.

Diz Adorno (1985):

A abstração, que é instrumento do esclarecimento, comporta-se com seus objetos do mesmo modo que o destino, cujo conceito é por ela eliminado, ou seja, ela se comporta como um processo de liquidação. Sob o domínio nivelador do abstrato, que transforma todas as coisas na natureza em algo de reproduzível, e da indústria, para a qual esse domínio do abstrato prepara o reproduzível, os próprios liberados acabaram por se transformar naquele 'destacamento' que Hegel designou como o resultado do esclarecimento (ADORNO , 1985, p. 27).

Por isso, ao ser tomada do enigma do cotidiano, a decisão de escrever se manifesta por um veio desconhecido e se expressa com força e veemência, como a gritar por um sentido em relação ao todo vivido por um professor no seu dia-a-dia de uma sala de aula. Como uma válvula, o texto emerge para limpar os entraves da dura realidade que é o trabalho com as palavras em uma sala de aula, em tempos de total nulidade em relação ao uso das palavras e à transmissão do saber. Um celular que toca em uma sala de aula é como um chamado e uma ingerência.

É como um corte que requer um começar tudo de novo, pois alguma coisa terá que ser refeita. A quebra, a ruptura, o outro jeito, terá que acontecer. Não há saída. E por isso é o fim de um tipo de discurso que quis ser coerente e que buscava saídas. Uma ruptura o levou para outro lugar, e outra palavra teve que ser pronunciada. Alguma coisa nova bruscamente entrou em cena, e a farsa humana voltou a se manifestar.

Vale anotar também que a questão afetiva não pode passar despercebida na sala de aula. O mundo parece ter perdido a prática da afetividade. A violência empastela os corações há muito tempo, porém parece que somente agora está sendo vista na sua crueldade. O dinheiro comanda tudo com voracidade, e de forma fugaz. Tudo isso tem enorme repercussão em uma sala de aula.

Daí o tema do afeto se tornar tão importante e necessário. É visível numa sala de aula o cansaço que abate e sufoca os alunos, sujeitos do conhecimento, como um olhar de rastro triste, numa mistura de solidão e ânsia de ser feliz. De modo geral o conhecimento que circula na sala de aula é dogmático e amedronta. O aluno fica desprotegido frente ao poder do professor amparado em títulos, na erudição e no saber.

Quando se chama o sujeito do conhecimento para uma manifestação afetiva, nem sempre se consegue levar adiante a proposta. Numa turma de quarenta alunos, às vezes urna meia-dúzia consegue ser afetiva com os colegas; os outros se amarram em

si mesmos e não conseguem se expressar, a não ser pela razão. Ou por formas de racionalidade.

A sala de aula, na visão atual de muitos educadores, é lugar de reclusão e de aprisionamento. O aluno é obrigado a ficar dentro de um silêncio ditado pela maestria do saber do mestre. É inegável que muitos se calam por não ter o que dizer, porém outros se calam porque não é permitido dizer nada além do que foi delimitado pelo saber do professor. Um afeto espremido não tem como se manifestar.

A reflexão sobre tudo isso possibilitou viver a experiência da afetividade na sala de aula. E isso tem contribuído para compreender um outro lado do processo educativo, não compreensível até então. Num desses momentos, uma aluna diz: "Professor, hoje você está indo muito fundo". Sente-se em seu falar certa ansiedade, mas também certo gosto em participar daquilo.

Assim, a primeira experiência foi tão crucial e tão marcante que as palmas ao final deram uma nítida demonstração de que um pedaço da razão tinha sido ali demolida. Pois a partir daquele acontecimento muita coisa mudou e muita leveza se efetivou em nossas atitudes. Estamos em pleno voo, mas já voamos mais leves e mais seguros de tudo o que poderia acontecer.

A sala de aula esconde segredos que só o tempo pode desvendar. Vejamos a história de um aluno francês que estudava psicologia e que hoje retorna ao imaginário. Era muito interessado e respeitoso. Era o contrário da maioria dos alunos, que estudavam pouco e não eram tão interessados nos livros ou no respeito ao professor. Mas esse aluno, apesar de muito interessado, tinha um descaso por tudo o que implicasse a razão ou as práticas de racionalidades. Era um pouco *zen* na sua vida diária e um cultor da meditação e de exercícios respiratórios.

A distância que o tempo fabricou possibilita agora compreender melhor tudo isso que uma simples lembrança traz à tona. Recordo-me de alunos que praticavam o riso fácil para atingir um objetivo

de fundo e aparência perversos - parece, hoje, que a atenção deles tinha outro significado, pois não riam, mas tramavam de qualquer jeito, com o objetivo de angariar algum tipo de poder, ou algum domínio sobre os colegas.

Olhando de dentro de uma realidade construída a partir de hoje, notam-se poucas mudanças em relação ao confronto com a modalidade de saber e de poder que um professor representa. Desta forma, não é o professor em si que o aluno busca descaracterizar, mas o saber que vê nele representado, como seu principal alvo. É possível pensar que poderia ser a cor dos olhos ou outros atrativos, mas não era.

É algo da ordem de uma imagem associada a um não saber o que estava fazendo, ou não era este o curso que havia escolhido ou queria fazer. Mas é o riso nervoso o que mais interessava naquele momento. Demoraram-se muitos anos para perceber que esse riso fazia cultura e se tornava uma prática tão comum entre aos alunos que chegava a ser quase sem significação.

Havia certa tensão no ar, no caminho para aquela sala que mais parecia uma gruta antiga a lacrimejar soluções sem saída já por muitos séculos, porém carregada de promessas avassaladoras. Tudo prometia, mas ao mesmo tempo não prometia, como se fossem promessas redentoras. A aula seria naquele lugar mais sórdido que sóbrio, pois a muitos agradava bastante.

Para somar-se a tudo aquilo, naquela manhã o sol não tinha dado o ar da graça, e o ambiente era decorado com a presença de um venerável professor, acostumado a grandes espetáculos docentes, ouvinte das aulas parisienses dos anos cinquenta, quando a filosofia era muito cultuada pelos jovens, coisa rara hoje em dia.

Mas a aula prometia muito mesmo assim, e podia dizer com tranquilidade que o cenário estava montado. E muito bem montado, com muitas promessas de um bem-sucedido espetáculo de clareza e de objetividade. Quase uma centena de ouvidos se dispunham a captar todo aquele falar em signos, num querer di-

zer ao infinito e resplandecente murmúrio de sons e de sentidos maiores, a comunicar verdades nunca ditas.

Todos estavam preparados para que uma mesa enorme fosse ocupada por aqueles que eram vistos como sujeitos que de verdade tinham muita coisa a dizer: porém, as surpresas não demorariam a mostrar o ar da graça, e todo aquele acontecimento revelava outra situação. Era o cheiro de éter no ar que vinha lentamente manchar a liquidez daquele ambiente que pedia uma explicação para um novo conhecimento, que os novos tempos vinham demandar.

Desta forma, o estilo narrativo adotado não teve escolha deliberada ou previamente escolhida. Na verdade, na medida em que o texto se elabora, um sentido vai sendo construído. E a partir daí a representação do objeto de conhecimento vai ganhando forma. A ideia principal é a de pensar o que se passa na sala de aula. Daí o sentido também desta nota colocada agora em plena elaboração do texto. Porque acima de tudo paira a ideia de escrever um texto que escrevesse de si mesmo. Assim, a ideia do texto vai se materializando a partir de referências que, no ato de serem lembradas, vão construindo significações e moldando uma representação da realidade.

Não se pode deixar de lado a sordidez que se manifesta em uma sala de aula. É possível ver o caráter dos sujeitos do conhecimento nas situações vividas, principalmente de forma inesperada, no dia-a-dia do processo pedagógico. Sob o manto de colegas, muitas coisas acontecem. São inesperadas porque em muitas situações tudo se dá na piada ou no chiste, ou numa prova de mesquinha-ria, quando um colega busca maltratar outro com alguma forma orgulhosa de falar ou mesmo com certos olhares que vasculham e humilham com o ranço ardiloso da mania e do sentimento de mais-valia e de grandeza.

Também entre os colegas se pratica a sedução e o sentimento de dominação pode ser verificado. O interessante é a forma silenciosa como o poder se exerce entre os colegas. Raramente as demonstrações de humildade surgem de forma natural e espontânea. Daí neste pensar surgirem as perguntas: o que é um colega? o que é o sujeito humano?

Não existe um traçado único, e tudo pode ser percebido e anotado quando se vê por um ângulo da filosofia do agir humano que não se baseie no tecnicismo ou em algum modelo exato do comportamento humano. Neste ponto, é bom observar o que dizem as poetas e os literatos de modo geral. Aprende-se muito sobre o humano quando lemos um poeta ou ouvimos a música de um grande compositor, na melodia ou nas palavras de uma composição. Mas aqui reportamos ao que acontece em uma sala de aula, porque é um lugar especial de aprendizagem. Mas, se estou guiado por algum referencial que venha do mundo artístico, é certo que pratico a compreensão de modo mais apurado e mais carregado de sensibilidade, que se expressará com muito mais apuro.

O discurso severo e cheio de ameaças pode colocar medo no aluno e a tal ponto que o silêncio pode ser sua decisiva opção. Ensinar filosofia em forma de lição pode ser muito perigoso em um tempo sem valores e de total descrédito nos discursos feitos em nome da ética.

Pois cada vez mais se indaga sobre o que é a ética, e aqueles que costumam apresentá-la como o reino da verdade e da certeza absoluta estão inteiramente desacreditados. Por isso a questão da ética se transformou na questão das éticas, como costumam ensinar os manuais. Isso no contexto dos tempos atuais. Noutras épocas a situação era inteiramente diferente, e a ética parecia revestida de um significado muito próximo do dogmático. A

problematização veio principalmente na modernidade, a partir especialmente de Descartes, que colocou em cena a dúvida como instrumento fundamental para fazer ciência, dentro de uma nova versão dos saberes. Com isso o sujeito ético passou a ser apresentado dentro de novos significados.

O que decorreu daí foi uma variedade de questionamentos que passaram a espelhar uma modalidade de mundo em que a certeza cartesiana passou cada vez mais a ser posta em questão e todo saber que demonstrasse dogmatismo ficou desacreditado. Virou modismo falar em ética, como se com isso resolvesse qualquer problema de fundo social ou moral. Mas, na verdade, o que aconteceu foi uma descrença muito grande na ética como varinha mágica ou pedra filosofal.

E as mudanças radicais convocaram os sujeitos para viverem um novo tempo. Em seu livro "Ética, um estudo sobre a consciência do mal", Badiou apresenta uma rigorosa análise do termo na atualidade:

Em lugar de fazer dela uma dimensão de piedade pelas vítimas, torná-la-emos a máxima duradoura de processos singulares. Em lugar de pôr em jogo apenas a boa consciência conservadora, traremos à tona o destino das verdades. (BADIOU, 1995, p. 15).

Os tempos que se seguem se afundaram inteiramente no niilismo, e até as ideologias perderam seu poder de convencimento, tamanho o caos vivido, principalmente pela juventude, que herdou tudo isso e não soube como agir frente ao azarão dos tempos atuais. Isso na sala de aula provoca espanto ou ira de alguns professores, que em situações adversas fazem discurso de pai e exercitam o poder sem nenhuma parcimônia, descuidando inteiramente de qualquer compaixão ou atenção que às vezes é preciso ter com os sem-cuidados.

É prudente não buscar fazer o discurso messiânico ou o discurso sedutor, pois pouco convencem hoje em dia. Mas adotar uma postura de complacência em relação a tudo o que estiver acontecendo não é o mais correto e o mais benéfico para todos. Na verdade, muitas pessoas revestidas da condição de aluno nada mais querem do que uma existência comum e simplesmente fazem um curso qualquer sem nenhuma vontade de maior destaque ou maiores aprimoramentos.

A sala de aula faz manter viva uma antiga pergunta: o que é um professor? Como age na sua tarefa de ensinar? E, quando ensina, realmente ensina? Estas questões para um professor vaidoso não têm nenhuma importância, pois sua vaidade pode não deixá-lo ver a si mesmo quando acredita ser um professor, e na verdade pode simplesmente estar exercitando uma relação consigo próprio, na qual o outro não importa, ou nunca foi levado em consideração.

Por isso, a questão da vaidade do professor dentro de uma sala de aula é muito importante quando se busca compreender o aluno como *sujeito* do conhecimento, e não simplesmente como objeto de um saber, que pode ser o exercício de uma excentricidade ou de um orgulho canhestro, como forma de auto-realização. E quais as consequências de tudo isso? Penso serem os efeitos de tal prática no ser deste sujeito indeciso e que quase sempre não sabe o que quer.

Retornemos à reflexão do nosso autor citado anteriormente “A dialética do Mesmo e do Outro, considerada 'ontologicamente' sob o primado da identidade-a-si, organiza a ausência do Outro no pensamento efetivo, suprime toda experiência verdadeira de outrem e barra o caminho de uma abertura ética à alteridade”. (BADIOUS, 1995, p. 30). Deste modo, não interessa aqui focalizar o aluno quieto e prisioneiro de um mutismo, pois ele também é produto de uma situação que não escolheu, mas principalmente

o aluno que rompeu com algum tipo de ordem e está afundado na desconfiança e paga o preço que for necessário para fazer valer seu ser, que tem seu fundamento na existência de "outrem".

É bom também introduzir neste contexto alguma coisa que venha a dar outra tonalidade a esta forma de narrativa, que vem se constituindo como momento de busca de compreensão daquilo que ocorre dentro de uma sala de aula - já que a sala de aula é uma espécie de extensão do social, como a célula familiar em seu espaço de organização e reprodução da sociedade, que permite compreender seus mecanismos e seus vários eixos de aproximação ou distanciamento dos sujeitos.

Perguntar acerca das influências do social numa sala de aula é fazer perguntas muito coladas ao concreto, mas é também correr o risco de se enganar numa rápida compreensão, pois o fenômeno da sala de aula tem hoje características muito distintas das de outros tempos, quando a sociedade expressava um compasso que tendia para atitudes mais harmônicas e a palavra transparência tinha outro significado. Hoje pergunta-se: o que é a transparência? E a dúvida alonga-se de tal forma que a indecisão toma conta. A metáfora da transparência já não significa muito, porque nenhum referencial concreto lhe serve de suporte.

Neste mundo tomado de espessa névoa, onde a clareza torna-se cada vez mais obscura, o que é a transparência em uma sala de aula? Não é possível definir a transparência a não ser por um rhodo de expressão metafórico. Como o conhecido "olhos nos olhos" ou a manifestação de uma forma de *compaixão* que se pode ter por alguém. Pensar a transparência em uma prova é limitar a avaliação somente a uma racionalidade, deixando inteiramente de lado o dado subjetivo, quase sempre de difícil manejo e quase sempre de impossível manipulação.

Pois o fantasma das avaliações continua a atormentar, em todos os sentidos, tanto professores como alunos. A prova continua sendo um mito, mesmo porque dizem que ainda não se inventou

nada melhor para realizar o processo de avaliação. Porém, o que se questiona aqui não é o fato de existir avaliação, mas a situação gerada, e o exercício de poder que uma prova coloca em curso torna-se instrumento inegável de possível fonte de abuso.

Porque um saber não dogmático, quando avaliado, acaba por oferecer margem de dúvida, pois não é possível fechar em si mesma qualquer modalidade de saber, e as tão fundamentais questões quase sempre sem respostas permanecem sem respostas, principalmente quando as respostas são muitas. Nos tempos atuais a questão da prova é colocada sem nenhuma possibilidade de discussão, e a ausência de uniformidade em um processo de avaliação é uma constante do sistema de ensino. O saber que conta é um saber que escapa de todas as medidas. Seria inútil querer enquadrá-lo em determinado patamar. Pois se é um saber que problematiza o sentido e a interpretação de alguma forma de verdade, ele transcenderá qualquer determinação.

Mas voltemos às questões da sala de aula e a esta condição que estabelecemos para o pensar, inspirados em alguns pensadores, como Foucault e Althusser, principalmente. Pensaremos por analogia, ancorados em nossos autores. Vejamos em Foucault em primeiro lugar, através do conceito de conhecimento:

O conhecimento é uma 'invenção' por trás da qual há outra coisa distinta: jogo de instintos, de impulsos, de desejos, de medo, de vontade de apropriação. E nessa cena de luta que o conhecimento vem a se produzir; produz-se não como efeito da harmonia, do equilíbrio feliz dessas relações, mas do ódio, da compromisso duvidoso e provisório que estabelecem, de um pacto frágil que estão sempre prestes a trair. (FOUCAULT, 1997. p. 14).

Pode-se inferir disto que a sala de aula é um lugar de luta e de reclusão, ou simplesmente é uma prisão, na qual se insere o aluno, buscando-se com isto fazê-lo produzir conhecimento. O conheci-

mento que porventura ele consegue produzir acaba sendo muito limitado e circunscrito a uma dada situação. E aqui vale a referência do sujeito em uma situação dada. Mantido preso, este sujeito se submete ao dado da situação e se torna aquilo que fizeram dele.

Em Foucault (1997), não se trata somente do artifício de se pensar uma metáfora, mas buscar compreender o princípio da reclusão com a demonstração da ausência da liberdade na sociedade como um todo. O problema da liberdade continua sendo o grande problema da humanidade. Em Althusser (1980) o tratamento a esta delicada questão é dado no âmbito do *Estado*. Pensá-lo como um aparelho ideológico foi um dos maiores legados do controvertido pensador. Vejamos:

O aparelho de Estado que define o Estado como força de execução e de intervenção repressiva, 'ao serviço das classes dominantes', na luta de classes travada pela burguesia e pelos seus aliados contra o proletariado, é de fato o Estado, e define de facto a 'função' fundamental deste. (ALTHUSSER, 1980, p. 32)

Nosso autor filiou-se a uma das mais expressivas e contundentes formas de pensar a partir da experiência humana da modernidade. Com isto inseriu o pensamento marxista entre as mais necessárias formas de elaboração do fazer humano. E transformou o marxismo em uma das mais ricas fontes das práxis teóricas e revolucionárias na atualidade ou no porvir. Mas não percamos de vista o fenômeno que estamos privilegiando nesta metafórica indagação sobre a sala de aula.

A sala de aula vai além de um quadrado denominado reclusão, pois inevitavelmente ela se estende ao espaço social, com suas ramificações históricas. Sendo assim, a metáfora da reclusão perde sua consistência de exemplo, na medida exata em que requisita uma dimensão material e concreta sem as quais sua dimensão onírica perderia seu valor e sua hospitalidade. Então, a pergunta sobre o ser de uma sala de aula se amplia e faz valerem novos

argumentos, quando se quer pensar em seu valor e sua realidade.

A instituição escolar, enquanto pátio e salas de aula, não encontra fundamento ôntico na realidade, principalmente porque a sociedade desagrega-se a cada dia que passa. E a repercussão desta desagregação é muito grande, quando se consideram os efeitos dela na sala de aula. O preconceito manifesta-se das mais variadas formas. Os grupos se constituem e se isolam, quase criando limites ou demarcações que passam a funcionar como espaços impenetráveis de um grupo para outro. Funcionam como fronteiras de guerra, em um sentido que não pode ultrapassar as metáforas. Nisso pode-se verificar uma modalidade de investimento dentro de uma dimensão egoica inqualificável.

Busca-se aqui somente fazer um esforço sustentado pela leveza dos pensamentos em um exercício de compreensão em nível de elaboração de uma narrativa filosófica, construída sem maiores referenciais aos grandes mestres da filosofia, mas procurando manter uma fidelidade ao modo e ao jeito de pensar daqueles que exerceram influência em toda a humanidade ao longo dos séculos.

Uma reflexão livre das determinações acadêmicas, porque distante de uma avaliação formal, sem nenhuma necessidade de atribuição de nota, mas que objetiva trazer alguma contribuição para formas de pensar que buscam ser mais descritivas do que sintéticas. E, nesta atenção de não tornar absoluto, fabricar uma forma de conhecimento que ajude a compreender uma sala de aula inserida em uma sociedade cujo processo de sobrevivência pede saídas e soluções naquilo que se manifesta como fatal e crucial para novas formas de humanização dos sujeitos já não cheios de esperança ou de vontade de viver.

Mesmo porque o tempo não se conhece pelo tempo. Assim como o sujeito não se deixa conhecer, na sua totalidade. Por isso, no espaço da sala de aula, quase sempre a experiência da racionalidade é a mais preponderante e a mais necessária, quando se trata de lidar somente com o entendimento.

Quando se quer buscar a experiência da afetividade, a situação é totalmente diferente e quase sempre nos surpreende. Pois o inesperado abrevia os fatos e nos surpreende com muita astúcia; com ares de quem não quer nada, leva o inusitado a bater em nossa porta. Na sala de aula, quando isso acontece, quando o afetivo fala mais alto, o fundamental a fazer é esperar para colher os frutos do inesperado. Quase sempre muito sadios e doadores de prazer. A racionalidade pode oferecer o desagrado do descontentamento, pois a ausência da alegria do prazer caracteriza os estados mentais exacerbados, fruto dos excessos do racionalismo ou das conversas puramente verbais que pouco acrescentam, quando o clima é de disputas que envolvem o querer ter mais razão do que o outro.

É desta carência do afetivo na sala de aula que se está buscando fazer o registro. Em um mundo repleto de racionalidade e com a transformação dos atos em atos mentais, a situação afetiva merece especial atenção. O rasgo dos acontecimentos afetivos abre no ser do sujeito do conhecimento o possível descortinar para o mundo do desconhecido e das descobertas.

As promessas são invisíveis, mas verdadeiras, e há qualquer coisa da ordem do desconhecido que marca o sujeito quando ele experimenta o *afeto*. E sente que o outro o reconhece no *limbo* do seu ser, e isso pode ser tudo. Há uma transformação entre o ato de uma representação mental e o afluir dos sentimentos no auge da afetividade. E nessa situação uma mudança fundamental ocorre. Na sala de aula o debate entre razão e afeto é de uma importância pouco conhecida. Do contrário, a busca da compreensão dos afetos em uma sala de aula seria mais constante e mais praticada.

Desta forma recorreremos a Barthes (1980) que, a partir de uma reflexão sobre o que é uma aula, mostra que seu conteúdo é um exercício de poder: "Por outro lado, evidenciou-se que, à medida que os aparelhos de contestação se multiplicavam, o próprio poder, como categoria discursiva, se dividia, se estendia como uma água que escorre por toda parte, cada grupo opositor

tornando-se, por sua vez e à sua maneira, um grupo de pressão, e entoando em seu próprio nome o próprio discurso do poder, o discurso universal: uma espécie de excitação moral tomou conta dos corpos políticos e, mesmo quando se reivindicava a favor do gozo, era num tom cominatório". (BARTHES , 1980, p. 34) Uma das formas mais marcantes de observar na sala de aula o modo como os alunos lidam com suas racionalidades pode ser a verificação do seu lado afetivo e suas carências fundamentais. E perguntar por que o gozo não existe neste sagrado espaço, nem sempre prazeroso. Prestar atenção nas disputas estabelecidas por coisas menores, principalmente, é uma maneira de frisar a dimensão afetiva de cada um. Sempre há, em uma sala de aula, os que querem dar demonstração de superioridade ou de mais inteligência em relação ao outro.

Uma piada, uma palavra que fere ou um comentário malicioso muitas vezes encobrem um tipo de orgulho que acaba sendo uma maneira de demonstração de poder arraigado no ser de um aluno, que é transferido a outro pelo mero prazer de demonstração de força. Nas disputas atuais entre os alunos um dado novo vem à tona. É o desejo de poder que sempre se manifesta como uma tônica dos tempos atuais. É o reflexo mais candente da atualidade. A sociedade arma-se pela disputa, pelo jogo e pela ânsia de esmagar o outro pela competição e pela dominação. Tudo isso pode se manifestar na sala de aula.

Um breve parêntese para registrar um pouco do movimento do mundo. Fazem dois dias que a guerra foi anunciada, e pensar nos acontecimentos com todas as tormentas que se é obrigado a viver é um exercício de tamanha estranheza que o descontentamento coloca em dúvida tudo o que a esperança já havia fabricado e mantido como duradouro. De dentro de uma sala de aula, pensar o significado de uma guerra não é um exercício dos mais agradáveis e salutares.

É difícil transmitir algum conhecimento ou produzir algum saber quando a humanidade vive sob ameaça de destruição e o olhar das pessoas se dirige ao vazio, quase nunca a um outro olhar. Ver a sala de aula como uma célula social hoje em dia é vê-la como um espaço do conflito e uma espécie de miniatura da guerra; também como lugar da produção do conhecimento, porém voltado para o imediato da era contemporânea.

Tomaremos uma descrição de Giannotti como ilustração do argumento que está sendo apresentado:

O ato automático pressupõe e repõe um conhecimento objetivado, de sorte que um novo saber nasce na medida em que se apóia num saber morto inscrito nas coisas. Vive-se então o seguinte paradoxo: a crescente necessidade de novos conhecimentos - a sociedade contemporânea se alimenta da inovação - é contrabalançada por um contexto em que o conhecimento morto molda de forma segura o conhecimento vivo (GIANNOTTI, 1986, p. 21).

O anúncio da guerra de forma tão natural parece o anúncio de um filme que estava para passar, mas sem muita publicidade, sem muito alarde, sem muita confusão. A guerra começou! E não há jeito de imaginar maiores coisas, porque nada pode ser feito para impedir um acontecimento como este, a não ser pensar que não seria o caminho mais certo, e um conhecimento sobre a guerra de que serviria? O que se sabe é que muita tristeza pode vir daí. Este sentido do silêncio e de ausência de um conhecimento inovador escapa ao entendimento e leva o sujeito humano a se lembrar e a perguntar sobre o sentido de tudo. Perguntar sobre o *sentido* do saber a ser transmitido e sobre o que se ensina de verdade em termos de vida e de possibilidade de um trajeto existencial.

Na sala de aula o aluno está desprotegido de qualquer ilusão sobre a realidade da vida ou do mundo. Pode se encontrar protegido por alguma arrogância, mas, por estar também sem nenhuma

sustentação de natureza histórica e social, acaba se perdendo em frases de efeito ou em palavras vazias de significado. Numa situação de guerra, com a morte sendo apresentada como um filme qualquer, a sala de aula pode ser vista como um lugar que não tem razão de ser, *palco* do improvável e do obtuso reconhecimento de inutilidades sem fim.

Retornemos uma vez mais ao contexto da sala de aula. O propósito é a compreensão em sua totalidade de todos os dados que a compõem e a estabelecem como tal. Há uma disputa de lugares? Há uma preferência por esta ou por aquela carteira, ou o ficar perto da janela? São perguntas comuns que visam um ligeiro apanhado do aspecto físico de uma sala, dentro de uma visão geral sem maiores detalhes, para uma compreensão mais significativa ou mais abrangente de um dado para avaliação ou entendimento. O mais importante para ser frisado é o movimento dos componentes de uma sala de aula, levando em consideração todos os detalhes envolvidos em tal situação.

Os alunos podem ser observados em todos os aspectos em que pode ser delineado o ser de cada um. Desde a conversa até o largo sorriso, tudo são detalhes, e tudo é abrangente em busca de uma compreensão desta natureza. Há algo de natureza desconhecida na postura de um sujeito que *deseja* saber. Pode ser o inebriante desejo desconhecido, como pode ser também a falta absoluta de algum saber.

Perdido em uma mistura que exaure muito desconhecimento, o sujeito do conhecimento dentro de uma sala de aula tudo faz para dominar os saberes que se colocam para a aprendizagem, mas parece que encontra como companhia somente o desconhecimento, a angústia e a insatisfação.

Nos tempos atuais as coisas se revestiram de outra dimensão, pois muitos fatores se agregaram ao desejo de saber. Saber sobre o próprio desejo é um dos primeiros desafios que todos precisam

enfrentar. Pois o maior desafio que um sujeito pode enfrentar em toda sua existência é o de saber sobre seu próprio desejo. Nunca sabe se realmente deseja ou se está inteiramente voltado para uma falta de desejo, que o confunde e o inebria, deixando-o perdido e estranho não sabedor do que quer, e muito menos do que precisa.

O sujeito aluno na sala de aula vive este drama de modo mais crucial e com mais veemência, pois confunde-se com os conhecimentos, e os saberes que circulam em suas representações se *ausentam* e são falhos, quando se busca alguma coisa mais contundente e mais definitiva. Uma teoria, um cálculo ou uma pequena reflexão, tudo isso torna-se algo pesado e pode ser um sofrimento para aquele que precisa saber e não compreende o porquê de tudo aquilo. E, desta forma, pode-se dizer que a sala de aula não consegue pensar a si e não dá conta de estabelecer *parâmetros* de conhecimento dos seus alunos.

Em tempos secos de afetos como os da atualidade, muita coisa precisa ser inventada para se tolerarem com mais acuidade os processos que ocorrem em uma sala de aula. Tudo precisa ser inventado a cada momento, sem se perder o humor, tentando tudo compreender, para se chegar a algum lugar. Alguns grupos tentam instaurar uma prática nova, que é o aluno avaliar o professor. Muitos mal-entendidos decorrem daí, e alguma *coisa* positiva também. Sempre se aprende alguma coisa, por pior que sejam as circunstâncias.

É preciso praticar a humildade sem subserviência ou qualquer forma de submissão que porventura se venha experimentar. Esta é na verdade a mais difícil de todas as opções em termos de um trabalho na sala de aula. A questão dos afetos precisa ser pensada com muito carinho, porque é de uma importância imensurável nesta hora de desafetos e de extrema violência entre os povos.

É preciso ter coragem para mudar e aceitar as mudanças que se anunciam no dia-a-dia. Em texto já citado, Giannotti (1986) nos mostra uma universidade tomada pela barbárie. E a repensa em

todo seu funcionamento. Mas sabe-se que este desafio se coloca em todos os setores do meio social e da vida das instituições. A sala de aula, como pequena representação da sociedade, espelha muito bem tudo isso que está sendo pensado. Pois os conflitos que surgem em uma sala de aula estão inteiramente relacionados com os conflitos sociais, seja em grande ou em pequena proporção.

Tirar deles um sentido ou uma compreensão é um dos desafios fundamentais. A complexa realidade atual está a exigir de todos *definições* a cada momento e em todos os níveis imaginados. A situação permanente de guerra experimentada no mundo de hoje confirma bem o aforismo heraclítico de que a guerra ou o combate é o pai e o rei de tudo. A humanidade não vive um momento sequer distante da guerra, e os conflitos, em menor ou maior escala, são prova da verdade anunciada pelo pensador grego, apesar dos distantes séculos em que tal *enunciado* foi manifestado.

O que seria a História sem as lutas e sem as guerras? Esta ideia crucial da dialética serve de motivo para compreender tudo isso que está sendo mencionado. Na atualidade muitos se *arvoram* em dizer que a dialética está destruída ou que acabou o pensamento dialético. Pura ilusão dos pensarem assim. A realidade, em seu movimento, nunca deixou de ser dialética, seja na lógica ou no método. A condição do pensar coloca como requisitos, como fundamento de tudo, os princípios do pensar dialético.

Mas os tempos não oferecem muita chance para se pensar de forma que seja *uma analítica da negatividade*. Empacotaram tudo de tal forma que quase não sobram alternativas para um pensar colado à realidade. Na sala de aula, então, esta situação chega a beirar o estranhamento, ou o indesejado. O que se quer é um tipo de formulação tão superficial e tacanho que o dirigir rumo a um pensar, às vezes abstrato, nem sempre é aceito, mesmo quando se trata de alguma coisa de fácil compreensão.

Ao propor um tipo mais sofisticado de pensar, o professor verifica a insatisfação surgindo numa velocidade desconcertante, provocando

um rubro de raiva incontrolável. Parece que não se tem o direito de sair do banal e pensar no caminho do abstrato e do oracular. Isto é da ordem do proibido, e as interdições surgem num amontoado crescente entre indignação e revolta.

Há um clamor pelas palavras mais simples e mais possíveis de práticas que se possa imaginar. Uma espécie de rubro entre mágica e realização de pequenos milagres que dê conta de contemplar a todos, indistintamente. Como se houvesse um clamor a pedir a palavra que o aluno gostasse de ouvir e compreender. Se leva ao pensar, principalmente a um pensar sofisticado, a atitude do professor não serve e não pode ir adiante. Este desafio está presente em todas as salas de aula, e é justamente isso que tem levantado os mais variados contratempos entre professor e aluno.

Mas destaque-se também a questão do ouvir, envolta nesta relação. A cultura de massas criou um tipo de impedimento ao ouvir que ainda não foi inteiramente compreendido pelos que estão envolvidos no processo de produção e transmissão do conhecimento. Ouve-se cada vez mais mal, quando não há uma indolência desmedida na prática deste tipo específico de ouvir no contexto de uma sala de aula.

Querer que os alunos fiquem imobilizados e inertes ouvindo as palavras de um professor não tem o menor sentido e é também uma atitude totalmente descabida e insossa, mas uma posição de um ouvir que seja ativa e preponderante é o mais desejável, embora nem sempre possível e vantajosa para o aluno, principalmente quando este não se desfez dos devaneios. Pois o ficar pensando por pensar pode ser também uma característica do aluno que ainda não sabe o que quer.

Como pode ser também uma característica da assim chamada atualidade. A quantidade enorme de informações disponíveis nos meios de comunicação acaba por gerar uma confusão nas pessoas, que se entregam inteiramente ao disponível do signo ou da palavra codificada em nome de mensagens ou significados a

serem compreendidos. Em um mundo repleto de informações, pode haver uma tendência a confundir tudo e de achar que tudo é a mesma coisa.

Muitas coisas são ditas, e o cotidiano não refuga nada. Por isso tudo se mistura, e a dificuldade em fazer as distinções torna-se muito comum. Desses ouvidos cheios de variados ruídos pode-se esperar pouco, ou quase nada. Parar para ouvir já é um hábito raro, e parece que a tendência é que esta situação se torne cada vez mais difícil e atormentadora. Para o professor, principalmente.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

RADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume

Dumará, 1995.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GIANNOTTI, José Arthur. *A universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

